

direito à educação. Como base à pesquisa, elas utilizam de referências bibliográficas e documentos. Tendo como fontes balizares autores como Candido (2001), Saviani (1996) e Ianni (2005). Disso, ainda ressaltam a importância do intelectual brasileiro Florestan Fernandes. Apresentando-o como um exemplo impulsionador às lutas em prol da democratização e da qualidade da educação.

Enfim, acreditamos que vale ressaltar que Revista Polymatheia é um veículo importante na divulgação do conhecimento realizado por pesquisadores com formações acadêmicas em áreas diversas. Fato que contribui no fomento à discussão e realização transdisciplinar e interdisciplinar e, em especial, com a filosofia. Desse modo, convidamos a todos que tenham interesse que envie trabalhos acadêmicos para a próxima edição que, por sua vez, serão apreciados e possivelmente publicados em nossa revista.

COMISSÃO EDITORIAL

RESENHA DO LIVRO: INIBIÇÕES, SINTOMAS E ANGÚSTIA.

INHIBITIONS, SYMPTOMS AND ANGUISH

FABIANA PINTO DE ALMEIDA BIZARRIA*

MÔNICA MOTA TASSIGNY**

ODÉSSIA FERNANDA GOMES DE ASSIS***

RESUMO

Freud em 1926 reformulou sua teoria da angústia em sua obra “Inibição, sintoma e angústia”, neste momento ele já havia introduzido os conceitos referentes à segunda tópica, no caso a conceituação das instâncias do psiquismo, “eu”, “isso” e “superego”. Ao longo deste livro ele não traz uma linearidade quanto aos conceitos e somente no final ele tenta traçar algumas conclusões. O texto é dividido em 10 pontos, explorando desde uma diferenciação entre os três termos (Inibição, Sintoma e angústia) até a relação entre eles.

Palavras-Chave: Inibições, Sintomas e Angústia.

ABSTRACT

Freud reformulated his theory in 1926 the anguish in his “Inhibitions, Symptoms and Anxiety”, this time he had already introduced the concepts related to the second model, where the concepts of the bodies of the psyche, “I”, “this” and “superego”. Throughout

*Psicóloga formada pela Universidade Federal do Ceará, Especialista em Saúde Pública e Mestranda em Administração na Universidade de Fortaleza.

** Psicóloga formada pela Universidade Federal do Ceará.

*** Psicóloga formada pela Universidade Federal do Ceará, Mestre em Psicologia UFC

this book he brings a linearity about the concepts and only in the end he tries to draw some conclusions. The text is divided into 10 points and the appendices, exploring since a differentiation between the three terms (inhibition, symptom and anguish) to the relationship between them over the end of the book.

Keywords: Inhibitions, Symptoms and Anxiety

O que seria a angústia...

No ponto VIII desta resenha Freud tenta explicar o que seja angústia, porém deixa claro que até este momento de sua obra haviam muitos pontos de vista contraditórios a cerca da angústia e, sendo assim, preferiu reunir fatos sobre esta sem a pretensão de fechar e sintetizar um conceito.

De início ele fala da angústia como um estado afetivo, possuindo um caráter acentuado e específico de desprazer. Porém ele acentua que há outros sentimentos que possuem esse caráter, como por exemplo, a dor e o luto. Buscando uma diferenciação ele observa que a angústia se faz acompanhar de sensações físicas corporais, sendo os mais perceptíveis às alterações respiratórias e cardíacas. Nesse caso os processos de descarga (inervações motoras) estariam envolvidos nesse fenômeno, fato não observável na dor e no luto.

Origem...

A partir de uma relação das sensações de angústia e suas inervações, Freud traz a hipótese de que tais estados são reproduções do trauma do nascimento, visto essa experiência proporcionar um aumento de excitação e uma descarga. Ele chega a essa opinião visto conceber que os afetos são reproduções de experiências antigas.

A essa ideia se levantaram objeções. Embora se diga que a angústia é reação de todo organismos, não se têm como afirmar que o nascimento tem um significado de trauma para todos, concluindo-se que pode haver angústia que não tenha seu início no nascimento. Porém a angústia possui uma função biológica contra a um estado de perigo e sendo assim ele conclui que não há argumento que invalide a

ideia de que os moldes da angústia estariam no processo de nascimento.

Assim ele afirma que a angústia surge originalmente como uma reação a um estado de perigo e é reproduzida sempre que um estado dessa espécie se repete.

Dois formas de angústia...

Em busca de um significado e uma finalidade das inervações associadas às angústias ele argumenta que as inervações se voltam, no momento do nascimento para os órgãos respiratórios e para e para os batimentos do coração visto a manutenção da vida. À medida que os bebês se desenvolvem surgem novas modalidades de angústia, inicialmente de forma inadequada – irrupção- diante de uma nova situação de perigo e posteriormente ela surge como um sinal para impedir a situação de perigo.

O perigo é...

Quanto ao perigo, Freud enfatiza que não há um reconhecimento por parte do bebe de um possível perigo de vida, visto que este não possuir conteúdos psíquicos. Porém ele “sente” perturbações na economia da libido e são a essas perturbações a que ele reage. Freud enfatiza que este apenas retém sensações táteis gerais relacionadas ao nascimento, sendo que algumas explicações sobre as primeiras fobias não devem ser rastreadas nas impressões do nascimento. Ele acrescenta que embora crianças de colo possuam certo preparo para a angústia, está surge em seu sentido máximo à medida do desenvolvimento mental, permanecendo certo período na infância. Quando essas fobias persistem podem-se indicar perturbações neuróticas.

A perda do objeto...

Algumas experiências que incitam a angústia em crianças, lugar escuro, estar sozinha ou acompanhada de estranhos, traz o anseio que o faz sentir falta do objeto amado, visto este ser intensamente catexizado. Esse anseio ou angústia aparece em reação à perda sentida do objeto. No nascimento uma separação da mãe, na angústia de castração a separação de um objeto muito valioso.

Porem, inicialmente, a situação de perigo não é a percepção da mãe, visto que o bebe não a identifica, mas o que a ela está associado, no caso as satisfações que ela lhe proporciona. O perigo, então, é a não satisfação. Tanto a situação de não satisfação como a do nascimento há perturbações econômicas, visto a um acúmulo de estímulos que devem ser eliminados. Nos dois casos a angústia se estabelece. Ex: do choro. Posteriormente o bebe identifica que um objeto externo põe fim a sua situação de perigo e assim a situação de perigo não é mais a situação econômica mais a própria perda do objeto externo - a mãe. Aqui há uma evolução de um ato automático de angustia para angústia como um sinal em busca da autopreservação.

Freud conclui, portanto, que a função da angústia é exatamente a evitação da situação de perigo.

A angústia de Castração, pertencente à fase fálica, apresenta como determinante a perda de um objeto – o pênis, objeto que pode significar uma união com a mãe – sendo um substituto dela - no caso a separação seria uma nova separação da mãe.

À medida que a criança apresenta a divisão do seu aparelho mental, surgem novas necessidades, conseqüentemente novos determinantes de perigo. O próximo momento corresponde ao poder do supereu, uma angústia menos definida. O que se apresenta como perigo ao qual o eu reage é o medo da punição desse supereu.

Freud se baseia na ideia de que a sede da angústia é o eu, visto este ser um estado afetivo. O eu, corresponde à organização e esta quando “identifica” situações de perigo produz a angústia, porém a motivação desta pode surgir de processos no isso e no supereu. Ele afirma que as primeiras repressões bem como muitas das posteriores surgem a partir de processos no isso.

Perda do objeto, neuroses...

A cada período da vida do individuo vão surgindo diferentes determinantes para a angústia, como o perigo da perda do objeto na primeira infância, o perigo da castração na fase fálica e o perigo/ medo do supereu no período de latência. Porém essas situações de perigo podem resistir ao longo do desenvolvimento, porém ele relaciona

essas situações de perigo com a forma assumida por uma neurose resultante. Assim ele traça paralelos em relação a perda de amor como determinante de angústia na primeira infância, desempenhar papel na histeria, a ameaça de castração nas fobias e o medo do supereu nas neuroses obsessivas . Porém nesse texto não traz maiores descrições sobre esses fatos, apenas faz uma discussão sobre a formação do sintoma e a geração de angústia, posteriormente.

I.

Inicialmente, Freud diferencia Inibição e Sintoma. Enquanto a inibição não implica necessariamente uma patologia, o sintoma denota de um processo patológico. Além disso, a primeira corresponde a uma restrição de uma função do eu, diferentemente do segundo que remete a uma modificação inusitada de uma função ou uma nova manifestação que surge desta. Freud ressalta ainda que, diferentemente da inibição, o sintoma não ocorre dentro do eu e nem atua sobre ele.

Diante do exposto, deparamo-nos com a descrição de possíveis inibições de algumas das funções do eu:

- Função Sexual: o desempenho normal desta envolve um processo complicado, desse modo, a perturbação de tal função poderá ocorrer de formas variadas, em qualquer ponto do processo. Nos homens, pode-se ver a restrição no afastamento da libido no início do processo (desprazer psíquico), falta de preparo físico (não há ereção), abreviação do ato (ejaculação precoce), dentre outros. Em algumas inibições podemos observar que elas significam o abandono de uma função que poderia gerar angústia; como no caso de atos obsessivos que surgem como medidas de precaução contra experiências sexuais.

- Função de nutrição: geralmente relacionada à retirada da libido, acarretando na falta de inclinação para comer.

- Função de locomoção: inibida por uma indisposição para o andar ou por uma fraqueza no caminhar. Na histeria, há a paralisia do aparelho motor. A restrição da locomoção ocorre também da fobia de Hans, que evita sair à rua, a fim de evitar a angústia.

- Inibição no trabalho: restrição do prazer no trabalho ou o individuo se sente incapaz de realizar-se nele. Podem-se apresentar

reações, caso seja obrigado a permanecer no trabalho como paralisias (no caso da histeria) ou repetições (neurótico obsessivo).

Ao fim deste capítulo, Freud expõe diferentes causas envolvidas no surgimento das inibições. Para tanto, ele divide as inibições em dois grupos:

- Inibições específicas: podem decorrer da erotização exacerbada de um órgão responsável por uma função do eu (exemplo: significar o ato de escrever, no qual um líquido flui de um tubo para um papel em branco, como um ato de copular); frente a isso, o eu inibe a função a fim de evitar o conflito com o isso. Há casos em que a função do trabalho é inibida, porque o supereu condena o êxito e o lucro. Nestes, o conflito que se tenta evitar é com o supereu.

- Inibições mais generalizadas: ocorrem quando o sujeito enfrenta situações que exigem grande dispêndio de energia, como no luto ou quando há um grande fluxo de fantasias. O eu, para suprir essa falta, poderá reduzir energia em diferentes pontos, o que acarretará no prejuízo das funções exercidas nestes locais.

Conclui-se, então, que inibições “[...] são restrições das funções do eu que foram ou impostas como medida de precaução ou acarretadas como resultado de um empobrecimento de energia [...]” (p. 13).

II.

No segundo capítulo, a preocupação de Freud é em expor a relação do sintoma com o recalque, afirmando que o primeiro é decorrente do segundo.

O recalque se processa a partir do eu e tenta impedir que um impulso proveniente do isso conclua seu processo de satisfação. Este papel do eu implica que ele pode exercer uma ampla influência sobre os processos do isso. Estamos inclinados a vê-lo como impotente frente ao isso, mas, em decorrência, de sua vinculação com o sistema perceptual, o eu consegue tal influência. Associado a tal sistema, as excitações internas são detectadas, tanto as de prazer quanto as de desprazer. Recebendo estes estímulos, o eu orientará os cursos mentais a partir do Princípio do Prazer. Assim, quando se opõe a um impulso instintual, o eu, regido por este princípio, liberará um sinal de desprazer

(angústia). Freud coloca que a energia para a liberação desse sinal virá do representante instintual que se tenta recalcar.

Em trabalhos anteriores, Freud acreditava que a angústia decorria da transferência direta da libido em sinal de desprazer, no entanto, ele modifica o modo de ver essa relação, definindo o eu como a real sede da angústia, o qual controla o surgimento dela.

Os recalques atuais pressupõem a atuação de recalques primitivos. Neste caso, quando ainda não havia supereu, os fatores que levavam ao recalque seriam os quantitativos, como uma força excessiva, ou o rompimento do escudo protetor frente a estímulos externos. Os recalques atuais surgem em duas situações: 1) pressão interna: ativação de impulsos do isso sem estimulação; 2) pressão externa: ativação dos impulsos frente uma percepção externa.

Dito essas relações entre eu, recalque e angústia, retomemos a questão da formação do sintoma: ocorre quando o recalque falha. Caso este tivesse tido sucesso, não sobraria vestígio do processo defensivo (desse modo, nunca teremos certeza se algum recalque foi bem sucedido, inferindo apenas que existam tais casos). Assim, um impulso que emerge do isso, apesar do recalque, encontrará um substituto (sintoma), que será, no entanto, reduzido, não mais reconhecível como uma satisfação.

III.

Nesse capítulo, há um enfoque na questão do poder do eu. A força do eu é possível porque ele encontra-se vinculado ao isso, sendo uma parte organizada deste. O ato de recalque expõe tanto o poder do eu, quanto a sua fraqueza. Ao mesmo tempo em que se coloca contra o impulso, o eu não consegue evitar que esse se desloque, que saia da sua territorialidade (foge da organização do eu) ao se transformar em um sintoma. Agora a luta vai se dirigir para a luta contra o sintoma (luta defensiva secundária).

Essa luta do eu segue duas linhas:

- A primeira é mais amistosa, seguindo a tendência à síntese presente no eu, que buscará agregar o sintoma à sua organização. Reconhece que este chegou para ficar, então tenta tirar proveito disso,

buscando adaptar-se. No entanto, Freud afirma que essa tentativa de reconciliação não permite-nos inferir que o eu consentiu que houvesse o deslocamento para fruir das vantagens do sintoma. Freud afirma que os ganhos da doença facilitam a atuação das resistências, o que dificulta a análise.

- Nessa luta, o eu atua ainda em uma outra linha, menos amistosa. O sintoma, que continua buscando a satisfação, deverá ser reprimido, assim o eu, exercendo seu papel, libera o sinal de desprazer. O eu não pode ser acusado de contraditório, já que em ambas as linhas ele apenas segue suas disposições (tanto para a síntese quanto para o recalque).

IV.

Na tentativa de clarificar e explorar tais temáticas, Freud, neste capítulo, procura analisar casos clínicos de neurose de angústia.

No caso do Pequeno Hans, o medo de cavalos, mais especificamente de que um específico cavalo iria mordê-lo, o impedia de sair à rua. Essa incapacidade de sair de casa seria uma restrição que o eu impusera para não despertar o sintoma de angústia, portanto, seria a inibição.

No período em que o menino fez análise ele encontrava-se na atitude edipiana em relação ao pai. Havia, portanto, um conflito presente: a ambivalência de um amor e ódio dirigidos para a mesma pessoa.

Geralmente, em conflitos dessa natureza, ocorre repressão por meio da formação reativa (no ego), ou seja, um dos sentimentos conflitantes é intensificado e o outro desaparece. No caso do Pequeno Hans isso não aconteceu.

O impulso hostil contra o pai sofreu repressão. Tal impulso equivaleria ao impulso assassino do Complexo de Édipo, que gera temor de uma vingança do pai. Porém, o que transformou sua reação emocional em neurose foi a substituição do pai pelo cavalo, deslocamento que é considerado o sintoma. Desta forma, o conflito é contornado, já que não é tratado com relação a uma única pessoa, estando também em jogo um objeto substitutivo.

O Homem dos Lobos, outro caso de fobia animal, tinha medo de ser devorado por lobos. Lobo seria um substituto do pai.

O terceiro exemplo que Freud utiliza para desenrolar suas ideias é o de um jovem norte-americano que fora, na infância, sexualmente excitado pela história de um chefe árabe (substituto do pai) que perseguia um “homem feito de especiarias”. Tal fantasia formou o primeiro substrato de suas fantasias auto-eróticas.

Para Freud, a ideia de ser devorado pelo pai seria típica do material infantil e se constituiria em um impulso passivo de ser amado por ele num sentido erótico-genital (degradação regressiva).

Nos casos do Pequeno Hans e no do Homem dos Lobos ocorreu uma repressão do impulso pelo processo de transformação em seu oposto. A agressividade para com o pai se transforma em agressividade do pai para com ele.

Assim, dois impulsos opostos foram dominados pela repressão: a agressividade sádica e atitude passiva suave com relação ao pai.

Nesses dois casos clínicos a força motriz da repressão foi o temor da castração iminente. As ideias contidas na angústia eram substitutos, por distorção, da ideia de serem castrados pelo pai. Esta última é a ideia que sofre repressão.

O autor se refere ao afeto de angústia enquanto a essência dessas fobias. Tal afeto teria sido provido do próprio agente repressor e não das catexias libidinais dos impulsos reprimidos. Freud, então, levanta a possibilidade de que a angústia produziu repressão e não o posto, como ele acreditava anteriormente. Desta forma, seria a atitude de angústia do eu que gera o movimento da repressão.

V.

Procurando esclarecer tais constatações o autor se remete a histeria de conversão. Em seguida abandona possíveis desdobramentos a partir de tal neurose e passa às neuroses obsessivas “... na esperança de aprendermos mais alguma coisa sobre a formação dos sintomas.” (p.37)

Os sintomas desta neurose se enquadram, geralmente, em dois grupos de tendências opostas: um de natureza negativa (proibições,

precauções e expiação), e outro de satisfações substitutivas. A combinação da proibição com a satisfação, comum nesses casos, é possível devido a tendência do eu de sintetizar.

A origem da estrutura neurótica se dá na necessidade de desviar as exigências libidinais do complexo edipiano. A regressão da fase fálica ao nível sádico anal poderia ser resultado de duas hipóteses: de uma organização genital da libido débil e pouco resistente, ou por um fator tempo, em que a oposição do eu começaria cedo demais, no apogeu da fase sádica.

Nas neuroses obsessivas os processos característicos do período de latência (criação ou consolidação do supereu, edificação das barreiras éticas e estéticas do eu) vão pra além do normal. Verifica-se, por exemplo, uma degradação regressiva da libido, um supereu severo, e formações reativas de consciência, piedade e asseio. A severidade seria revelada na condenação da tentação de continuar com a masturbação infantil inicial. E as formações reativas são consideradas pelo autor como mecanismos de defesa.

Devido a regressão da libido o conflito, na neurose obsessiva, é agravado em duas direções: o aumento da intolerância das forças defensivas e o fato das forças que devem ser desviadas se tornarem mais intoleráveis.

As ideias obsessivas desagradáveis que são conscientes, em geral, são substitutos distorcidos. A agressividade, desta forma, pode aparecer ao paciente como um mero “pensamento” em vez de uma impulsão. O afeto que é deixado de fora, ao ser percebida a ideia obsessiva, aparece em outro ponto.

O supereu comporta-se como se a repressão não houvesse ocorrido e o eu passa a estabelecer um sentimento de culpa e a ter que arcar com uma responsabilidade que ele não pode responder. Em alguns casos, o eu consegue se afastar da crítica atormentadora do supereu. Nesses casos, não se acha presente o sentimento de culpa e sim, um conjunto de novos sintomas e restrições autopunitivas. Tais sintomas representam uma satisfação de impulsos masoquistas reforçados pela regressão.

Desta forma, na neurose obsessiva, os sintomas que apresentavam

outrora restrição passam a representar satisfações. Como resultado desse processo, o eu fica reduzido a procurar satisfação nos sintomas.

O conflito exacerbado entre o supereu e o isso pode paralisar a vontade do eu e, assumir proporções tão amplas que “[...] o ego, incapaz de executar sua ação de mediador, nada poderá empreender que não seja atraído para a esfera daquele conflito.” (p.44)

VI.

No VI capítulo, Freud inicia pontuando duas atividades que formam sintomas e que demonstram importância por serem técnicas auxiliares e substitutas. O seu surgimento demonstra assim que o verdadeiro recalque teve dificuldade no seu funcionamento.

As técnicas a que ele se refere estarão na sua essência desfazendo o que foi feito e isolando. A primeira delas tem ampla gama de aplicação e que através de um simbolismo motor se esforça para desfazer não só as consequências como um evento em si.

Na neurose obsessiva essa técnica de desfazer o que foi feito se encontra nos sintomas bifásicos, que consiste no sujeito realizar uma segunda ação a fim de cancelar uma primeira, de modo que nenhuma ação tivesse ocorrido, embora ambas ocorressem. Essa finalidade de desfazer é um segundo motivo subjacente dos cerimoniais obsessivos, pois o primeiro seria a tomada de precaução a fim de impedir a ocorrência ou recorrência de algum evento específico. Esse motivo de precaução ocorre em um âmbito mais racional enquanto o segundo de livra-se de algo fazendo como se não tivesse acontecido é mais irracional.

O esforço de desfazer algo pode ser considerado como um comportamento normal se uma pessoa decide considerar um fato como não tendo acontecido, apesar de não tomar nenhuma atitude direta contra o evento. Já o neurótico obsessivo tentará reprimir tal evento por meios motores. Isso pode também explicar a obsessão de repetir, algo bastante comum nesse tipo de neurose: o que não aconteceu de forma desejada, é desfeito e repetido de uma maneira diferente. Nesse caso entrará também em ação os motivos que fazem uma pessoa se demorar nessas repetições.

Esse desfazer uma experiência traumática constitui um motivo importante para a formação de sintomas.

A segunda técnica é a de isolamento, essa técnica é peculiar a neurose obsessiva e se verifica na esfera motora também. Nesse caso, Freud coloca que ao acontecer algo desagradável ao paciente ou quando ele mesmo faz algo significativo para a sua neurose, ele interpola um intervalo no qual nada mais deve ocorrer. Freud coloca que na histeria é possível provocar uma experiência traumática a ser dominada pela amnésia, e que na neurose raramente isso acontece, a tendência é a experiência traumática não ser esquecida e sim destituída de seu afeto além de suas conexões associativas serem suprimidas ou interrompidas, assim a experiência permanece isolada e não é reproduzida nos processos comum do pensamento.

O efeito do isolamento então é o mesmo do recalque com amnésia.

O isolamento motor acontece para assegurar a interrupção da ligação do pensamento. No comportamento normal essa segunda técnica é observada através do fenômeno normal da concentração. A pessoa normal utiliza a concentração não só para afastar o que é irrelevante, mas principalmente o que é inadequado por ser contraditório. Então no curso normal das coisas o eu trabalha muito esse isolamento ao orientar a corrente do pensamento. Em uma análise, se busca justamente fazer com o eu abandone essa função temporariamente.

Existe grande dificuldade por parte dos neuróticos levar a efeito uma análise devido ao seu eu estar mais atento e constantemente fazendo isolamentos acentuados, assim a associação livre que é a regra fundamental da psicanálise fica bastante comprometida. A compulsão de concentrar e isolar se fortifica sob a forma de sintomas que se desenvolvem e passam a ter grande importância prática para o paciente, mas que são considerados naturalmente de natureza de cerimoniais.

O esforço em impedir associações e ligações de pensamentos está associado ao tabu de tocar, que é algo de ordem fundamental na neurose obsessiva. O tocar e o contato físico são finalidades imediatas de investimentos objetivos tanto agressivo como amoroso nos dois

esse toque está presumido acontecer. A neurose obsessiva começa por perseguir um toque erótico e através do isolamento se evita essa possibilidade e contato, não permitindo que seus pensamentos sobre aquela impressão ou atividade entrem em contato associativo com outros pensamentos.

Nesse capítulo ele ainda coloca que as perturbações vistas, no caso a fobia, a histeria de conversão e a neurose obsessiva tem como resultado a destruição do complexo de Édipo e em todas as três a força motora de oposição do eu é o medo da castração, mas que só na fobia esse medo aflora e é reconhecido.

VII.

Nesse capítulo ele inicia voltando ao assunto da fobia infantil de animais, e coloca que nesse tipo de fobia o eu tem de se opor a um investimento de objeto libidinal que provem do isso, porque acredita que se lhe ceder lugar acarretaria o perigo da castração.

Até esse momento da sua obra, ele coloca que acreditou que em uma neurose o eu defende-se contra as exigências da libido e não contra as de qualquer outro instinto, no caso do pequeno Hans, por exemplo, a formação do sintoma ocorreu em relação aos impulsos agressivos contra o pai apesar de o sentimento de afeto pela mãe ser o impulso considerado puramente erótico, este após a fobia ter sido formada pareceu desaparecer e depois foi totalmente suprimida pelo recalque. Para explicar isso ele coloca que os impulsos instituais não são puros e sim misturados. Mas coloca, para considerações futuras, a possibilidade de que o recalque seja um processo que possui uma relação especial com a organização genital da libido e que o eu recorre a outros métodos de defesa quando tem que se proteger contra a libido em outros níveis de organização.

Logo depois ele coloca o papel da angústia nesse tipo de fobia, dizendo que o eu reconhecendo o perigo da castração dá o sinal de angústia e através das instâncias do prazer-desprazer inibe o iminente processo de investimento no isso. Simultaneamente se forma a fobia. A angústia da castração é então dirigida para um objeto diferente e expressada de uma maneira distorcida, por exemplo, o Hans não teme

ser castrado pelo pai, mas sim ser mordido por um cavalo.

Isso é o que ele vai chamar de formação substitutiva, e que esta possui duas vantagens bem evidentes. A primeira é que com ela se evita o conflito dado pela ambivalência e segundo porque faz com que o eu não gere constantemente angústia, já que a angústia nesses casos é condicional, ou seja, surgem quando se percebe o seu objeto. Isso se coloca como uma imposição de uma restrição ao eu.

Esse ponto de vista coloca a fobia com uma natureza de projeção por estar substituindo o perigo interno e instintual pelo perigo externo e perceptual. Ao mesmo tempo em que ele coloca que, isso traz a vantagem de que o indivíduo pode se proteger contra esse perigo externo e que é impossível se proteger dos perigos internos, ele fala que as exigências instintuais não são perigosas em si, somente o são quando acarretam um perigo externo real.

Então a angústia sentida na fobia de animais é uma reação afetiva por parte do eu ao perigo da castração. Essa angústia não se difere da realística, que é aquela sentida diante de situações de perigo, somente no fato de serem inconsciente e só virem a consciência sob sua forma distorcida.

Na maioria das vezes a fobia se estabelece após um primeiro ataque de angústia ter sido experimentado em alguma circunstância específica. É a partir desse ponto que a angústia fica em interdição pela fobia e ressurgem quando a condição imposta não pode ser atendida. A fobia é assim um bom meio de defesa e tende a ser bastante estável.

Tudo o que foi falado sobre a angústia na fobia pode ser aplicado na neurose obsessiva, embora nesta a formação de sintomas vai se dar pelo medo que o eu tem do super eu. A situação de perigo que o eu deve fugir é da hostilidade desse supereu, e faz isso através da obediência das ordens, precauções que lhe foram impostas, se for impedido de agir assim acontece um sentimento de mal-estar que é considerado um equivalente a angústia. Nas neuroses obsessivas o perigo está totalmente internalizado, não há projeção.

A angústia é então uma reação a uma situação de perigo que é remediada pelo eu a fim de evitar essa situação ou para se afastar dela. Pode-se dizer assim que se criam os sintomas a fim de evitar

uma situação de perigo cuja presença foi assinalada pela geração de angústia.

Freud vem analisar mais profundamente a relação entre sintomas e angústia. Havia uma hipótese de que a angústia seria um sintoma da neurose, mas Freud via essa relação de forma mais profunda; os sintomas serviriam para evitar a angústia e sintoma é entendido como toda inibição que o eu se impõe. Sendo assim, vê-se a angústia como um perigo ao eu e isso que mobiliza a criação do sintoma.

A angústia que vai ser gerada se remeterá à angústia primeira do nascimento, que é considerado o determinante original mais antigo da angústia. É importante lembrar que para a formação do sintoma é necessária a formação da angústia, para que se desperte a instância do prazer-desprazer, ou seja, é preciso sentir o desprazer da angústia para que haja o prazer proporcionado pelo sintoma. Então, vê-se claramente a formação do sintoma como um processo defensivo, já que a angústia é entendida como um perigo.

Uma objeção que Freud faz é referente a diferença entre a fuga e o sintoma em si. O isso e o eu são partes de uma mesma organização, como já dito anteriormente. Como a angústia que o eu sente parte do isso, a fuga não é possível, por isso se cria o sintoma, através da formação substitutiva, na tentativa de se proteger da angústia vinda do isso.

Outra observação que Freud traz é de que há determinantes para a angústia que são típicas de fases da vida, como por exemplo o medo de escuro na infância, que com o amadurecimento da pessoa e certas situações de perigos perdem seu significado (vale lembrar que o medo do supereu tende a nunca desaparecer). Assim sendo, o neurótico se diferenciara da pessoa normal pelo fato de reagir de forma acentuada diante de um determinante que já deveria ter perdido seu significado.

O outro ponto que o livro trabalha é porque algumas pessoas conseguem elaborar a angústia e outras fracassam na tarefa.

Havia duas hipóteses na época:

Alfred Adler: as pessoas que fracassam são inferiores organicamente

Otto Rank: depende da 'força' da angústia, que será igual à

angústia do nascimento.

Freud nega a primeira por achá-la limitante, já que nega todas as maravilhas do ser humano que se tinha descoberto.

Sobre a hipótese de Rank, Freud diz que ela foi boa por ser capaz de ser testada, mas acredita que caso passasse por um teste, se revelaria falsa, já que também é limitante. Ele não acredita que uma pessoa que teve um nascimento traumático necessariamente será uma pessoa neurótica. Freud não acredita que a resposta seja tão clara e linear quanto Rank propõe; a psicanálise leva a respostas menos simples e satisfatória.

Voltando para a formação do sintoma: o eu, na tentativa de se proteger de um impulso perigoso, reprime esse impulso, “jogando-o” no inconsciente. Diante disso, qualquer situação que sugira para o eu o impulso reprimido será evitada através de um comportamento que iniba a angústia sentida. Tal comportamento, então, será generalizado e repetido em qualquer situação que possa trazer à consciência o impulso reprimido.

Assim, infere-se que, caso o eu pudesse re-adquirir o controle do impulso que estava no isso, esse perigo seguiria seu curso natural e as situações que antes eram vistas como potenciais perigos não existiriam mais.

Outra inferência que Freud faz é tentando responder à pergunta inicial: como se formam as neuroses? Freud sugere que há três fatores que influenciam essa formação: biológico, filogenético e um puramente psicológico.

Fator biológico: o ser humano nasce demasiadamente despreparado para cuidar de si mesmo, ficando por um longo período dependendo do outro, criando a necessidade de ser amado pelo outro durante toda a sua vida.

Fator filogenético: dentre os animais, o homem é o único que não há uma constante no desenvolvimento sexual, existindo um período de latência. Freud acredita que esse período se manteve no desenvolvimento filogenético do homem porque essa sexualidade infantil é vista pelo eu como perigoso, então há a repressão.

Fator psicológico: o eu é obrigado a se proteger contras alguns

impulsos vindos do isso (que são encarados como perigosos). Como são parte de uma mesma organização, o eu só poderá se desviar desse perigo, não fugir completamente, criando, por isso, o sintoma.

VIII.

No ponto VIII Freud tenta explicar o que seja angústia, porém deixa claro que até este momento de sua obra haviam muitos pontos de vista contraditórios a cerca da angústia e, sendo assim, preferiu reunir fatos sobre esta sem a pretensão de fechar e sintetizar um conceito.

De início ele fala da angústia como um estado afetivo, possuindo um caráter acentuado e específico de desprazer. Porém acentua que há outros sentimentos que possuem esse caráter, como por exemplo, a dor e o luto. Buscando uma diferenciação ele enfatiza que a angústia se faz acompanhar de sensações físicas corporais, sendo os mais perceptíveis às alterações respiratórias e cardíacas. Nesse caso os processos de descarga (inervações motoras) estariam envolvidos nesse fenômeno, fato não observável na dor e no luto.

A partir de uma relação das sensações de angústia e suas inervações, Freud traz a hipótese de que tais estados são reproduções do trauma do nascimento, visto essa experiência proporcionar um aumento de excitação e uma descarga. Ele chega a essa opinião visto conceber que os afetos são reproduções de experiências antigas.

A essa ideia se levantaram objeções. Embora se diga que a angústia é reação de todo organismo, não se tem como afirmar que o nascimento tem um significado de trauma para todos, concluindo-se que pode haver angústia que não tenha seu início no nascimento. Porém a angústia possui uma função biológica contra a um estado de perigo, e, sendo assim, ele conclui que não há argumento que invalide a ideia de que os moldes da angústia estariam no processo de nascimento.

Assim ele afirma que a angústia surge originalmente como uma reação a um estado de perigo e é reproduzida sempre que um estado dessa espécie se repete.

Em busca de um significado e uma finalidade das inervações associadas às angústias ele argumenta que as inervações se voltem, no momento do nascimento para os órgãos respiratórios e para os

batimentos do coração visto a manutenção da vida. À medida que os bebês se desenvolvem surgem novas modalidades de angústia, inicialmente de forma inadequada – irrupção- diante de uma nova situação de perigo e posteriormente ela surge como um sinal para impedir a situação de perigo.

Quanto ao perigo, Freud enfatiza que não há um reconhecimento por parte do bebe de um possível perigo de vida, visto que este não possui conteúdos psíquicos. Porém ele “sente” perturbações na economia da libido e são a essas perturbações que ele reage. No caso os bebês apenas retêm sensações táteis gerais relacionadas ao nascimento, sendo que algumas explicações sobre as primeiras fobias não devem ser rastreadas nas impressões do nascimento. Ele acrescenta que embora crianças de colo possuam certo preparo para a angústia, está surge em seu sentido máximo à medida do desenvolvimento mental, permanecendo certo período na infância. Quando essas fobias persistem se podem indicar perturbações neuróticas.

Algumas experiências que incitam a angústia em crianças, como, por exemplo, lugar escuro, estar sozinha ou acompanhada de estranhos, traz o anseio que o faz sentir falta do objeto amado, visto este ser intensamente catexizado. Esse anseio ou angústia aparece em reação à perda sentida do objeto. No nascimento uma separação da mãe, na angústia de castração a separação de um objeto muito valioso.

Porém, inicialmente, a situação de perigo não é a percepção da mãe, visto que o bebe não a identifica, mas o que a ela está associado, no caso, as satisfações que ela lhe proporciona. O perigo, então, é a não satisfação. Tanto a situação de não satisfação como a do nascimento há perturbações econômicas, visto a um acúmulo de estímulos que devem ser eliminados. Nos dois casos a angústia se estabelece. Ex: do choro. Posteriormente o bebe identifica que um objeto externo põe fim a sua situação de perigo e assim a situação de perigo não é mais a situação econômica mais a própria perda do objeto externo - a mãe. Aqui há uma evolução de um ato automático de angustia para angústia como um sinal em busca da autopreservação.

Freud conclui, portanto, que a função da angústia é exatamente a evitação da situação de perigo.

A angústia de Castração, pertencente à fase fálica, apresenta como determinante a perda de um objeto – o pênis, objeto que pode significar uma união com a mãe – sendo um substituto dela - no caso a separação seria uma nova separação da mãe.

À medida que a criança apresenta a divisão do seu aparelho mental, surgem novas necessidades, conseqüentemente novos determinantes de perigo. O próximo momento corresponde ao poder do supereu, uma angústia menos definida. O que se apresenta como perigo ao qual o eu reage é o medo da punição desse supereu.

Freud se baseia na ideia de que a sede da angústia é o eu, visto este ser um estado afetivo. O eu, corresponde à organização e esta quando “identifica” situações de perigo produz a angústia, porém a motivação desta pode surgir de processos no isso e no supereu. Ele afirma que as primeiras repressões bem como muitas das posteriores surgem a partir de processos no isso.

A cada período da vida do individuo vão surgindo diferentes determinantes para a angústia, como o perigo da perda do objeto na primeira infância, o perigo da castração na fase fálica e o perigo/ medo do supereu no período de latência. Porém essas situações de perigo podem resistir ao longo do desenvolvimento, ele relaciona essas situações de perigo com a forma assumida por uma neurose resultante. Assim, Freud traça paralelos em relação à perda de amor como determinante de angústia na primeira infância, desempenhar papel na histeria, a ameaça de castração nas fobias e o medo do supereu nas neuroses obsessivas. Porém nesse texto não traz maiores descrições sobre esses fatos, apenas faz uma discussão sobre a formação do sintoma e a geração de angústia, posteriormente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, S. Inibições, sintomas e angústia. In: **Obras psicológicas completas**: Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.